RESENHA MUSICAL

Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. Cons.º Crispiniano, 79 - 8.º andar — S. PAULO

ANO IV • SÃO PAULO — DEZEMBRO — 1941 • NÚM. 40

Resenha Musical

deseja aos seus assinantes,
anunciantes, leitores e amigos

Bôas Festas e Feliz Ano Novo

Tarsila do Amaral — NATAL

informações na

SOCIEDADE SUMARÉ LIMITADA

INSCRIPÇÃO N.° 28 NO REG DE IMS. DA 5.ª CIRCUNSC.

RUA LIBERO BADARÓ, 282 - 4.° andar - FONE 2-0385

Mozart

André SUARÉS

Da "La Revue Musicale — Paris

MOZART — cujo aniversário de sua
MORZART — cujo 150.º aniversário de sua

Mozart, o mais surpreendente gênio de toda a música, morreu aos 35 anos (em 5 de dezembro de 1791), deixando uma tal quantidade de obras que um musicógrafo alemão, Koechel, se tornou célebre apenas por ter conseguido organizar um catálogo delas. Ninguem foi mais precoce que Mozart, pois aos qautro anos já escrevinhava pequenas composições e aos cinco anos e meio tocava cravo em um conjunto. Seu pai, Leopoldo, que lhe dera as primeiras lições, era muito bom musicista, violinista e compositor e sua irmã mais velha era igualmente tão bem dotada que os três empreenderam "tournées" nas quais Wolfgang, que tinha então seis anos provocava a admiração de todos. Depois de ter tocado em toda a Alemanha, chegaram a Paris, em 1763 e aí foram muito festejados por Luiz XV e pela Pompadour. Ao mesmo tempo, gravaram-se as primeiras sonatas de Mozart, para violino. A família Mozart dirigiu-se em seguida a Londres, onde o menino causou igual admiração. Depois de diversas peripécias e moléstias, voltaram a Salzburgo, em 1766. Mozart escreveu aí a sua primeira ópera: "Bastien et Bastienne" e no mesmo ano, em 1768, dirigiu a sua primeira "Missa solene".

Em 1769, faz a conquista da Itália e de todos os musicistas que encontra em Nápoles, em Milão e em Roma. É bem conhecida a anedota segundo a qual ele teria escrito inteiramente de memória o "Miserere" de Allegri, depois de o ter ouvido na Capela Sixtina. Influenciou-o grandemente a música do Padre Martini e dos mestres italianos, e, em Bolonha, depois de um dos mais severos exames, foi admitido membro da Academia.

Em Milão, em 1770, fez representar uma ópera, "Mitridate". Desde então e apesar do incomodo das viagens da época, feitas em diligência, vai e vem, entre Milão e Salzburgo, tocando, compondo incessantemente, com uma facilidade e fecundidade extraordinárias. Papel, uma pena, um canto de mesa e mesmo em meio de conversações, sonatas e sinfonias e óperas sucedem-se umas às outras.

Em 1778, encontramo-lo novamente em Paris, onde tem o desgosto de perder sua mãe. Sente-se muito abatido e contudo, reassume em Salzburgo as suas funções de "Concertmeister" e de organista da

côrte. Não por muito tempo, porém, porque dentro em pouco, rompe com o Arcebispo, por demais exigente, e segue para Viena. É aí que desposa Constancia Weber e que faz representar, em 1785, a sua primeira obra-prima: "As Núpcias de Fígaro". É em Praga, em 1787, que compõe o seu "Don Juan" e em Viena, Cosi fan tutte" (Assim fazem todas), em 1790, e a "Flauta Encantada", em 1791. Finalmente, durante a própria moléstia a que deveria sucumbir compõe o "Requiem". — Morreu em um tal estado de pobreza, que foi enterrado na vala comum, ele que havia maravilhado a todos os grandes da época e que era de certo maior do que qualquer um destes.

Por mais extraordinárias que possam ser, as cifras não significarão grande coisa, quando se souber que o catálogo da monumental edição Breitkopf compreende 15 Missas, 27 Arias de Concerto, 34 Lieders, 41 Sinfonias, 6 Concertos para violino, 17 Sonatas para piano, 42 Sonatas para violino, sem falar de um grande número de composições diversas e algumas muito importantes.

"Mozart, diz Hugo Riemann, possuia como mestre incomparavel, os segredos da expressão e da forma musical. Sua individualidade é feita de encanto e doçura íntima; seu humor é menos extravagante que o de Haydn, mas a gravidade, por vezes morosa de Beethoven lhe é absolutamente estranha. Seu estilo resulta da mais feliz combinação da verve melódica italiana e da profundeza e robustez alemãs. Nos mais diversos domínios criou obras-primas imorredouras. Decorrido um século desde o seu aparecimento, as obras de Mozart continuam as mesmas e nada, absolutamente nada está fora de moda no "Don Juan", nas "Núpcias de Figaro", em "Cosi fan tute" ou em "A flauta encantada".

Sobre a Guitarra

Cada instrumento parte deste Cosmos maravilhoso que é a orquestra, tem seu reino próprio.

Se ao violino correspondem o ardor desesperado e a exasperação do desejo, ao violoncelo pertence a voz meridiana do espírito e ao piano o tumulto e a confusão dos sentidos. Porém a paixão contida, o ritmo do coração na soledade tem certa ligação com a guitarra.

Tão íntima e sincera que o artista ao tangê-la, encosta-a no peito e assim parece que pulsam as cordas do próprio coração, por um momento tangiveis e sonoras. Tão sensivel e patética que só no silêncio perfeito, quando tudo se cala, tudo que é material, é que resôa a sua sonoridade.

Temos sonoridade que só se dirige aos ouvidos finos, ou melhor, que só canta para si. Tem-se que ouví-la retendo o fólego, aguçando o ouvido; tem-se que prestar a atenção emocionada que prestamos às vozes indistintas que despertam ao entardecer nos recéssos mais ocultos de nossa alma.

Tão sensivel, tão imaterial que nela o corpo não tem peso, mas tem alma, a flor da pele mais sensivel ao menor contáto, sempre disposta a vibrar suavemente.

Mais viva do que todas as suas irmãs harmoniosas, a guitarra, não necessita de artifícios mecânicos para palpitar sob os dedos do artista amestrado que alternativamente acaricia, irrita e acalma as suas cordas.

Como todas as belas creações humanas à guitarra não tem faltado detratores, e como tantos poetas inspirados resigna-se ela a passar incompreendida pelo mundo, apenas apreciada e cultivada por raros amadores.

B. P.

De alguns músicos do Vale do Paraíba

(Para a RESENHA MUSICAL)

CARLOS DA SILVEIRA
(Do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo)

OS JULIÕES, DE SILVEIRAS

Na nota anterior, número trinta e oito desta RESENHA MUSICAL, falei sobre o desenvolvimento urbano de Silveiras, o qual havia permitido certa proliferação de artistas, na localidade. Artistas literatos, artistas músicos, artistas dramáticos... Silveiras, quem te viu e quem te vê!

Nestas páginas já tratei de Chico Carlos e do Macóta. Pois hoje é a vez dos Juliões, músicos silveirenses, muito interessantes, descendentes de Julião Ferreira da Silva. Por um costume generalizado no Brasil, aos filhos de Julião Ferreira da Silva chamavam "o Evaristo, do Julião", "o Joãozinho, do Julião". Com o tempo, passaram eles a assinar, como cognome (nome de família), o nome próprio do pai e ficaram definitivamente Evaristo Ferreira Julião, Domingos Ferreira Julião, João Ferreira Julião e... estava criada a família Julião.

Estes Juliões são músicos natos. Filho de Evaristo Ferreira Julião, reside em São Paulo, de longa data, o maestro João Batista Julião, silveirense, e a ele recorrí para a obtenção de umas notas sobre o seu tio Joãozinho Julião, grande músico, que ainda conhecí, muito amigo que era de meu pai (Chico Carlos).

João Batista Julião saiu de Silveiras e veio para Mogí das Cruzes; alma de músico, por hereditariedade, mas vivendo de um ofício qualquer, talvez alfaiataria. De Mogí vinha a São Paulo, para as aulas no Conservatório Dramático e Musical daquí, e assim completou o curso, diplomando-se em Música.

Foi contratado para professor da arte na Penitenciária do Estado e alí organizou uma excelente e numerosa banda de música, bem como um amplo conjunto orfeónico, compostos de sentenciados. Quem ia em visita à Penitenciária, tinha forçosamente de ouvir, como um dos belos números do programa, a banda e o orfeão dos detentos.

De 1921 a 1924 andei como diretor da Escola Normal do Braz. O professor de música, de lá, era Feliz de Otero, tão conhecido e acatado. Otero pediu licença longa, para tratar-se e indiquei, como substituto, o maestro João Batista Julião que, depois, com a vaga verificada veio a ficar o professor de música da Escola citada, e ainda se encontra em exercício na mesma casa de ensino.

João Batista Julião começou a aprender música em Silveiras mesmo, sua terra natal, e teve, como primeira professora, sua irmã Emília Julião (uma das alunas de piano de Chico Carlos). Emília executava ao piano quadrilhas e outras peças de dansa, e seu irmão João Batista, de quatro anos de idade, acompanhava a ir-

mã, ao tambor, praticando, de tal arte, um ótimo exercício de educação rítmica.

Dedicando-se, aquí em São Paulo, ao ensino da arte musical e compondo muitos trabalhos, o maestro João Batista Julião tornou-se conhecidíssimo, e a ele tornarei, mais tarde, em artigo mais extenso. As notas que veem a seguir, relativas a um tio do maestro, a quem todos chamavam Joãozinho Julião, foram-me fornecidas pelo próprio extremoso sobrinho, do qual falei na primeira parte deste estudo.

Joãozinho Julião, ou melhor, João Ferreira da Silva Julião, da mesma forma que seus irmãos Evaristo e Domingos, era, como já foi declarado, filho de Julião Ferreira da Silva. Nasceu em Silveiras em 1852, e aí viveu até 1872, data em que se transferiu para São Francisco de Paula dos Pinheiros, então centro urbano bem movimentado, como entreposto, que vinha sendo. Tal atividade comercial foi extinta com a inauguração da linha férrea Dom Pedro II, hoje Central do Brasil. Decaindo, posteriormente, a importante lavoura de café do município, São Francisco de Paula dos Pinheiros, sem outros elementos de vida, entrou a minguar, da mesma forma que Silveiras.

A estada de João Ferreira da Silva Julião, porem, em São Francisco de Paula dos Pinheiros, não pode ter sido longa, pois o "Almanaque da Província de São Paulo", para 1873, a bem organizada publicação de Antonio José Batista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca, ao mencionar na página 260, os professores de música de Pinheiros, refere apenas três nomes: — Albino Ernesto da Silva, João Alexandrino da Rocha e Andrade e Arlindo Américo Lopes da Silva.

Em São Francisco de Paula dos Pinheiros, durante o tempo em que lá esteve, João Ferreira da Silva Julião foi mestre de música, diretor da banda local, e do côro da Igreja.

Nascido para a arte de Euterpe, muito realizou dentro das naturais possibilidades em que se póde expandir um espírito privilegiado e dotado de profunda intuição musical.

Na sua época, principalmente no Interior, os músicos se destacavam geralmente, pelo instrumento que tocavam, nas bandas de música. Dedicando-se ao instrumento a que se dá aquí no Brasil, nome de "pistão", tornou-se um exímio pistonista e criou fama à vista da sua técnica aprimorada, e interpretação própria, com que executava dificeis peças para o seu instrumento de predileção.

Os contemporaneos de Joãozinho Julião referiam com entusiasmo a maneira como ele se impuzera na execução de um dobrado de sua autoria, denominando "Sai cinza!"

Possuindo bela voz de tenor, tal predicado o favorecia na direção do côro da igreja, a cuja frente sempre se encontrou.

Era constantemente convidado para tomar parte nas festas religiosas que se realizavam em localidades vizinhas, e ainda em outras fluminenses e mineiras.

Nesse ramo — por assim dizer —, que bem marcou sua musicalidade, escreveu diversas músicas sacras que teem sido apreciadas por muitos entendidos e admiradores de tal gênero musical.

São deveras interessantes esses dados a respeito de Joãozinho Julião, o músico silveirense, fornecidos gentilmente pelo seu sobrinho o maestro João Batista Julião, o qual acrescenta outras minúcias, que transcrevo com prazer, como as demais.

Chegam a nossos dias alguns manuscritos de Joãozinho Julião, que, seja dito de passagem, excluida a observância rigorosa do "motu-proprio", que na época não se conhecia, atestam não somente o estro do musicista, mas ainda dizem da escola e da sua técnica perfeitamente aceitaveis.

Dentre essas composições notam-se "Missa de São Benedito", "Credo Paulista", diversas Ave-Marias, Ladainhas, Tantum ergos, Salutaris, e outros mais cânticos religiosos.

Para banda de música escreveu dobra-

dos, fantasias, árias. Deixou tambem algumas modinhas, lundús, canções. Lecionou música a muita gente. O côro, a orquestra e a banda, que dirigia, eram constituidos, geralmente, de seus discípulos.

O irmão mais velho de João Ferreira da Silva Julião, ou seja Evaristo Ferreira Julião, pai do maestro João Batista Julião, foi igualmente músico acatado no seu tempo, e bem assim mais três irmãos. Todos se dedicavam à música com prazer e vocação.

Joãozinho Julião deixou dois filhos: Francisco (Chiquito), falecido aos vinte anos, e Meninica, que vive em Silveiras, como professora de música e organista da igreja local. Aprendeu, com o pai, harmonium, flauta, violão por música, e adquiriu conhecimentos de canto e rudimentos da arte.

João Ferreira da Silva Julião, para todos Joãozinho Julião, faleceu em Silveiras aos cincoenta anos de idade, tendo desfrutado geral estima dentre aqueles que o conheceram e não foram poucos.

MAXIMAS

"A qualidade essencial de um cantor de talento é saber empregar a sua voz com habilidade, com gosto e com arte. Devendo sobretudo poupar os seus meios vocais para poder deles se utilizar com oportunidade."

V. Maurel

"Enviar luz às profundidades do coração humano, eis a missão do artista."

R. Schumann

"Sonoridade e mecanismo facil e independente são condições indispensaveis para um verdadeiro talento de pianista.

F. G. Fétis

"Depois de termos ouvido religiosamente artistas de grande merecimento devemos fazer uma idéia das suas qualidades individuais e não prestar atenção a pequenos detalhes de nenhuma importancia que evitaremos de imitar."

A. Marmontel

"Si todos quizessem tocar o primeiro violino, seria impossivel constituir uma orquestra. Cada um que ocupe o lugar que lhe compete."

R. Schumann

"Consideras abominavel e monstruoso o sistema de fazer mudanças e córtes nos trechos musicais dos bons autores ou neles introduzir embelezamentos sujeitos à moda. É o maior sacrilégio que podeis cometer no terreno da Arte."

R. Schumann

"Para se poder compreender bem um trabalho artístico, um artista ou um grupo de artistas, enfim, é preciso que nos representemos com exatidão o espirito e o estado geral dos costumes que reinavam no tempo em que eles pertenceram. Aí encontramos a explicação de tudo; e lá acharemos tambem as causas que determinaram o resto."

H. Faire

"Se consciencioso e justo nas tuas críticas e serás conceituado."

R. Schumann

"Trata de tocar com perfeição as peças faceis; ha nisso muito maior mérito do que executar mediocremente composições dificeis."

R. Schumann

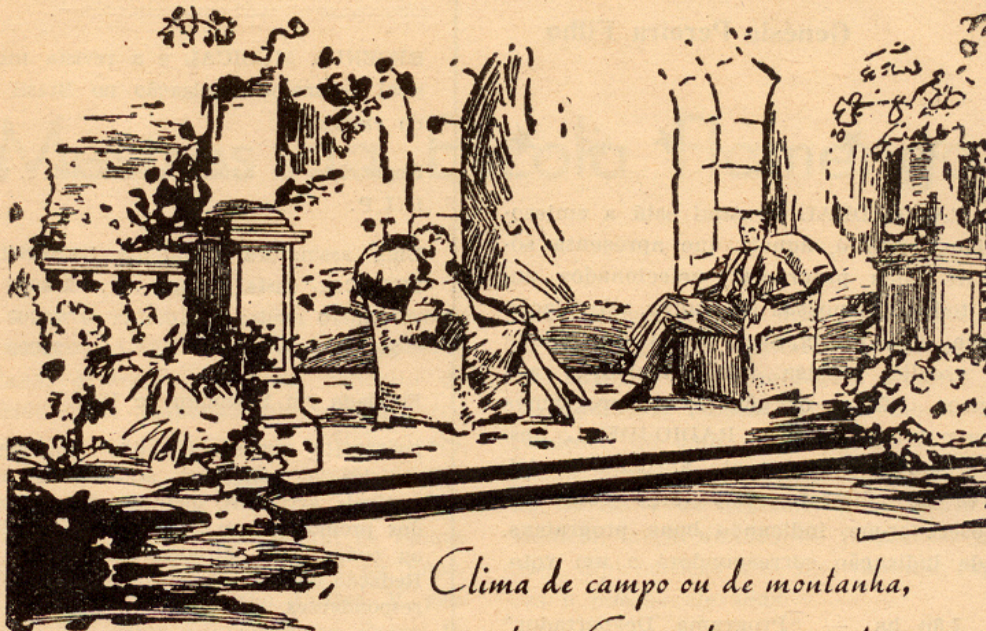
"É do importancia capital para quem se dedica ao estudo da música, conhecer a história da vida dos grandes mestres."

M. Clementi

"Um trecho de música, escrito por mão de mestre, tóca profundamente o sentimento, despertando em nossa alma um fremito de entusiasmo e que, por isso mesmo, exerce muito maior influencia em nosso Eu do que uma bôa obra que satisfaz a nossa razão, mas que não tóca na fibra sensivel."

Napoleão Bonaparte

"O ideal da expressão nasce na alma e não dos sentidos."

A. Marmontel

Microfone

Genésio Pereira Filho

RÁDIO-IDEAL — Aquí está a emissora-ideal, isto é, aquela que apresenta somente bons programas, selecionados entre todos das nossas emissoras. A relação ainda está incompleta. Pela dificuldade da escolha precisa ser completada aos poucos. Todos os gêneros de programas devem ter guarida na RADIO-IDEAL, desde a música popular até a fina. Os leitores de "Microfone" poderão continuar a escrever-me, indicando bons programas. Cada indicação corresponderá a um voto.

7,30 hs — "Programa Despertador" — locutor: Murilo Antunes Alves, PRA-5.

8,30 hs. — "Programa Paraventi" — locutor: Fauzi Carlos — PRB-6.

9, hs. — "A Voz do Morro" — locutor: Ferreira Moisés — PRE-4.

9,30 hs. — "NovArte" — PRG-9.

10 hs. — "Programa de Arte" — locutor: Rebelo Junior — PRF-3.

10,45 hs. — "Cuba-mania" — PRE-7.

11 hs. — "Danúbio Azul" — locutor: André Vicente Garcia — PRE-7.

11,30 hs. — "Breve e Leve — locutor: Rebelo Junior — PRF-3.

18 hs. — "Hora de Arte Universal" — locutor: Lourenço Amadeu — PRH-9.

18,45 hs. — "Artistas e Orquestras Célebres" — locutor: Aristides Cerqueira Leite Junior — PRA-5.

22,30 hs. — "Hora Doce" — locutor: Alvise Assunção — PRE-4.

23,30 hs. — "Programa oferecido por Biotônico Fontoura" — PRE-4.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas .... 20$000
Número avulso .... 3$000
Suplemento avulso ...... 3$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrazados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS: FONE 5-4630.

Redação: Rua Cons.º Crispiniano, 79, 8.º andar — S. PAULO.

Mestres da Escola Flamenga

A arte espanhola, que a tal ponto se mostrou diversa da do Renascimento italiano, e original no seu conceito de colorido e de personalidade, não superou no entanto a dos Flamengos e Holandeses, contemporânea e, de tantos pontos de vista, a ela ligada.

Durante muito tempo foram os Paises Baixos parte da corôa dos reis da Espanha, tendo-as o taciturno Carlos V passado ao seu altivo e infeliz filho, Felipe II.

É natural que essa circunstância de ordem política influisse decididamente no carater das escolas de pintura, de tal modo que a rememoração das figuras de uma evoca naturalmente as da outra, e que profundas semelhanças se identifiquem na maneira de um e outro grupo de artista.

Como falar de Velasquez, de Murilo, sem lembrar Rubens e Van Dyck, Rembrandt e os mais?

Têm uma história por vezes curiosa esses Flamengos e esses Holandeses, tão vivos ainda hoje nas suas telas como por vezes na recordação dos incidentes de suas vidas movimentadas de nórdicos contemplativos.

Rubens e Van Dyck são ambos da Flandres e floresceram quando ainda estava o país sob o domínio dos reis espanhóis.

O primeiro nasceu em Sieghen, aos 28 de junho de 1577, e morreu em Antuérpia, em 1640. Tinha por nome Pedro Paulo Rubens, e teve uma vida entrecortada de ocupações estranhas à sua arte.

Favorito do arquiduque Alberto, governador dos Paises Baixos, embora descendesse de uma família suspeita à Espanha, protegido por Felipe II da Espanha, de Carlos I da Inglaterra, de Maria de Médicis, foi incumbido de frequentes missões diplomáticas que lhe valeram riquezas e honras elevadas.

Casou duas vezes: com a linda Isabel Brandt, morta em 1626, e com Helena Fourment. De ambas deixou vários retratos, aparecendo ele próprio em companhia de uma e de outra.

Sua atividade foi prodigiosa, como a de Ticiano. Deixou-nos, com efeito, mais de dois mil e duzentos quadros de natureza diversa.

Nele, o que desde logo se impõe à admiração, é o seu colorido generoso, a exuberância da forma. O realismo peculiar dos artistas do país e a tradição decorativa dos Italianos, facilmente se identificam na sua arte. Este é, em suma, o caráter da Escola Flamenga. Mas na última fase da sua vida se inclinou pelas afeições íntimas e a sua inspiração tornou-se mais acentuadamente pessoal. Datam de então os retratos de "Helena Fourment e seus filhos", muitas paisagens e , entre outros, o célebre quadro "Quermesse", existente no Museu do Louvre.

Esse entusiástico poeta que tanto soube sentir o estranho encantamento da pai-

sagem flamenga, não era menos um homem cuja presteza de espírito e cuja vivacidade nunca o abandonavam. Daí lhe veio por certo grande parte do favor dos poderosos de que sempre gozou.

Basta lembrar o que sucedeu com a encomenda de Maria de Médicis, onipotente rainha da França, para a decoração do palácio do Luxemburgo.

Deu-lhe a rainha como tema a sua própria vida. O pintor por certo não achou nesta última grande coisa para as telas e por isso tratou de enchê-las de motivos mitológicos, que ganharam o mais fervoroso aplauso da senhora, da côrte e de todos quantos — e eram muitos então, como os de hoje — viam na alegoria o supremo interesse das artes plásticas.

A partir de 1600, e durante oito anos, viveu Rubens na Itália, onde foram objeto de seus estudos e de uma cuidadosa aplicação os grandes artistas do Renascimento, sobretudo Miguel Angelo, cuja influência se nota claramente na primeira obra-prima do pintor flamengo, o "Levantamento da Cruz", da Catedral de Antuérpia, e pintado em 1610.

Foram familiares todos os gêneros ao seu pincel: a pintura religiosa — ele era aliás um crente fervoroso, de missa quotidiana; a mitologia e a história, que lhe dão oportunidade para uns que se tornaram célebres e de grande parte dos quais foi modelo a sua segunda mulher, Helena Fourment; o retrato — merecem menção o do professor Van Thulden, existente na Pinacotéca de Munich, e outros, além de vários auto-retratos; para o fim da vida, as paisagens começaram a interessá-lo, embora nunca tenham adquirido em sua obra a importância que tem, por exemplo, na Escola Holandesa. São dessa época "Quermesse", hoje no Louvre, a tela em que aparece o Castelo de Steen (esse castelo era uma propriedade onde Rubens passava a parte do ano), e existente na Galeria Nacional de Londres; o "Arco-Iris", de Munich, "Pôr do Sol", tambem na Galeria de Londres, e outros quadros de colorido suave, em que se exprime bem a tranquilidade e a beleza da terra flamenga.

Mas ainda os demais assuntos reclamavam nesses tempos derradeiros a prodigiosa habilidade de um pincel que conhecia todos os recursos e todos os segredos da forma e da côr. A "Subida do Calvário" (Museu de Bruxelas), a "Crucifixão de São Pedro" (igreja de São Pedro, em Colónia), "Helena Fourment e dois filhos" (Louvre), o auto-retrato do Museu de Viena, "Julgamento de Paris" (Museu do Prado, em Madrid), o "Pastor e a pastora", da Pinacotéca de Munich, "Diana e Calixto", do Museu do Prado, assim o testemunham.

Uma das obras mais conhecidas desse pintor é a "Descida da Cruz", largamente reproduzida em gravuras por todo o mundo. Foi pintada por volta de 1611, quando o artista estava no apogeu da sua glória, e acha-se na Catedral de Antuérpia.

Também de assunto religioso é o maravilhoso triptico da igreja de Nossa Senhora, em Malines: "A pesca milagrosa", "Santo Ambrósio e o imperador Teodosio" e "Milagres de Santo Inácio de Loiola", encontram-se no Museu de Viena, mas ficaram em Antuérpia (Museu), "O Lançaço", quadro de composição estranha e luz duvidosa, apesar de considerado um dos mais notáveis do pintor, e a esplêndida conquanto pouco verídica "Adoração dos Magos". De 1620 é "Thomyris e Cyro", uma das obras mais admiráveis e suntuosas de Rubens.

É a partir de 1630 que começa a aparecer nos quadros de Rubens a figura de Helena Fourment, quer nas cenas de interior, quer nas alegorias religiosas e mitológicas, quer nas crúas nudesas em que se comprazia tão frequentemente a inspiração do artista tanto quanto a admiração do marido apaixonado. Helena está na "Pequena peliça" do Museu de Viena tem no colo o filho mais velho, na Pina-

coteca de Munich; caminha ao lado de Rubens, na Coleção do Barão de Rotschild, em Paris", no Jardins de Amor", que fizeram o encanto de Watteau; na "Subida do Calvário", na "Morte de Dido", é a pastora trefega da Pinacoteca de Munich, é a grande dama, em vestuário de gala da coleção Rotschild... Por toda parte, a sua beleza exuberante e o seu sorriso enchem as composições do artista, que não se cançava de retratá-la maravilhado.

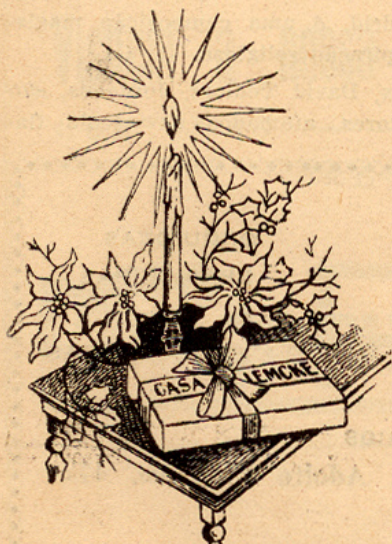
A facilidade com que Rubens deixava na tela as graças da esposa não deixou de escandalizar fortemente o Cardeal-Infante da Espanha ao receber o quadro que recomendara para Felipe IV: "O Julgamento de Paris", hoje no Museu do Prado. Quís o prelado que o artista vestisse um pouco mais as figuras, ao que Rubens se opôs — precisamente aí cresceu o assombro do Cardeal — alegando que a figura de Venus tivera por modelo "a mais bela das senhoras de Antuérpia", isto é, Helena Fourment.

VAN DICK

Van Dick — António Van Dick, que é preciso não confundir com Felipe Van Dick denominado "Pequeno Van Dick" e nascido em Amsterdan mais de 30 anos depois da morte de Antônio — nasceu em Antuérpia, no ano de 1599, e morreu em Blackfriars, perto de Londres, em 1641. Como em Rubens, como na Escola Flamenga, a nitidês do desenho não é prejudicada pela riqueza e pela primazia do colorido.

Ele não teve a boa origem fidalga de Rubens, seu mestre, e era filho de um pintor vidracista de Antuérpia, a grande cidade que era considerada a Florença Flamenga, pela sua atividade industriosa e pela fama dos seus artistas.

Foi na Inglaterra que o pintor viveu o periodo mais importante de sua carreira, até a morte. Carlos I, o infeliz filho de Jaime I, teve nele o seu pintor e lhe concedeu títulos de nobreza. Com o rei, toda a côrte inglesa fez-se retratar por Van Dick.

O mais apreciado dos retratos de Carlos I — e Van Dick pintou trinta e oito deles — é o que se encontra no Louvre e que se tornou amplamente reconhecido através de cópias e fotografias. Esse quadro, que, no século XVIII, Catarina da Rússia quís comprar, adquiriu-o no entanto Luiz XV, por instigação de Madame

Du Barry, que se tinha por aparentada com os Stuarts — a célebre família real escocessa a que pertenceu Carlos I.

É um retrato maravilhoso de simplicidade, de colorido, daquela suprema elegância que carateriza a maneira de Van Dick, que, se foi inferior ao seu mestre em talento creador, bem superior se mostrou mais medido e mais apurado do que este.

O rei aparece, na tela, ao lado do cavalo e do escudeiro, tudo muito natural, muito vivo, muito claro e impregnado daquela tranquila poesia que um século mais tarde a pintura inglesa voltaria a conhecer em Reynolds e Gainsborough.

Há ainda "Carlos I" de Van Dick em Viena, em Dresde, em Turim, um pouco por toda parte, nas grandes galerias da Europa.

E tambem em Viena — na coleção Herzog — que se acha outro dos retratos mais notáveis de Van Dick, o retrato de William Williers, que é um primor de colorido e gentileza e um exemplar típico da arte do mestre flamengo: Gibão amarelo-claro, como as botas e o talabarte, enfeitado com uma renda ouro-pálido e atado por um laço azul; calções vermelhos-claros, bordados a ouro; capa escarlate, rendas nos punhos e nos joelhos; em uma das mãos, o chapéu preto adornado de plumas negras, vermelhas e amarelas.

A "Virgem e os doadores" é um exemplo curioso da arte de Van Dick. O tema, familiar aos Flamengos como aos Venezianos do século XVI, não é desenvolvido aquí com aquela grandiosidade própria dos mestres italianos, cuja influência é no entanto possivel reconhecer nas composições posteriores à viagem que o pintor flamengo fez à Itália. Mas há, nas figuras dos doadores, uma espontaneidade e uma realidade que são bem Van Dick e bem escola flamenga. Essa tela encontra-se também no grande Museu do Louvre.

"O Coroamento de espinhos", existente em Madrid, é uma composição magistral de inspiração religiosa.

Snyders, David Teniers, Jordaens, são outros autores afamados da escola fla-

menga. Eles seguiam os passos de Rubens e Van Dick, ou pelo menos lhe sentiram a poderosa influência.

Era na vida quotidiana, nos fatos de rua, nas festas campesinas, nos bons burgueses da terra que eles iam buscar os seus modelos. As imensas planícies com as suas grandes árvores frondosas; as herdades e casas rústicas, as hospedarias, as dansas populares, tudo isto que a todo instante estava debaixo dos seus olhos é que lhes inspirava a palheta sempre pronta para trazer à tela um pouco da luz e da paz de um país opulento dentro da sua simplicidade de costumes.

Muita gente, e muito altamente colocada, não apreciava esse modo de fazer arte, em verdade. Basta dizer que Luiz XIV não suportava esses flagrantes da vida de todos os dias, da vida burguesa, e mandava tirar de sua frente aqueles "macacos", quando lhe mostravam os rudes personagens das telas flamengas. Para ele, como para a sua corte resplandescente, a arte estava refugiada nas caprichosas complicações mitológicas que esgotavam a imaginação da multidão de pequenos e pretenciosos pintores que hoje nos fazem rir. Na Espanha, contudo, o gênero agradava imenso, com o seu realismo, a sua audácia, o seu palpitante movimento, e ainda hoje nos sentimos quanto há de fina observação e exata psicologia nesses instantâneos surpreendentes da vida flamenga e da alma dos homens. Daquela época, em que se fabricava o mundo moderno. E da nossa...

Concertos

Prof. Clovis de Oliveira

CONCERTO SINFÔNICO

Regente: Souza Lima
Solista: Iris Bianchi

Um dos magnificos concertos realizados no mês de novembro p.p., foi indubitavelmente o que regeu o grande maestro brasileiro J. Souza Lima, tendo colaborado para maior brilho desse concerto a consagrada pianista Iris Bianchi.

Há concertos e concertos... Mas um difere sempre do outro ou pela qualidade dos executantes ou intérpretes, ou pelo valor artístico, ou pelas famosas "Primeiras Audições", ou pelo máu gosto musical dos intérpretes, enfim mil e uma cousa causa o contraste entre eles. O que nos empolga num concerto é a qualidade dos artistas que o realizam (causa primordial). Nada adianta figurar num programa a mais importante obra de um grande compositor, quando para interpretá-la encarrega-se um máu artista, um máu intérprete. Nada adianta, outrosim, um grande intérprete querer impôr a obra de um compositor vulgar ou que muito compôs mas que de música nada escreveu!...

Felizmente no concerto do Departamento Municipal de Cultura, realizado no dia 21 de novembro p.p., não havia alí nada que pudesse empanar o brilho do concerto, até pelo contrário, havia, sim, um programa artisticamente organizado, aberto solenemente pela admiravel Sinfonia n.º 4, de Schumann, seguido do Concerto de Grieg, da Berceuse de E. Soli e, finalmente, páginas de Debussy; havia, sim, a presença de João de Souza Lima, um grande artista, na extensão da palavra, nome que honra a arte nacional; havia, sim, além do mais, o concurso da jovem e futurosa pianista Iris Bianchi, para marcar fortemente o diapasão do movimento musical da Paulicéia, cujo soou esplendidamente.

Iris Bianchi, executando o Concerto de Grieg, com uma desenvoltura, somente peculiar aos artistas amadurecidos em sua arte, provou cabal e patentemente que é uma pianista de invulgar talento, cultivando uma técnica brilhante e delicada à qual alía uma agilidade que dá, controladas pela sua fina sensibilidade, realça, como pérolas, as notas que executa. A interpretação do Concerto não fugiu à tradicional, porém, emprestou-lhe expressividade.

A assistência aplaudiu com entusiasmo a pianista Iris Bianchi, obrigando-a à executar vários extras, dentre os quais uma delicada e pianística Tarantela de Cantú.

Souza Lima e a Orquestra do Municipal colheram nessa noite um dos seus incontestáveis triunfos.

SEXTETO VOCAL

O concerto promovido pelo Departamento Municipal de Cultura, apresentando o Sexteto Vocal, dirigido pelo Maestro Fiuzi, alcançou relativo sucesso.

Única nota que podemos assinalar que prejudicou em parte a audição desse conjunto vocal, foi a organização de um programa muito longo, composto de peças em geral de pouca movimentação. Isso deu resultado a um certo cansaço por parte da assistência, mas essa causa enfim não impediu que se apreciasse "in totum" a execução muito bem preparada das inúmeras peças. O ilustre M.º Finzi conseguiu a fusão de belas vozes, aproveitando-as com muito senso artístico, interpretando com autoridade os mais variados gêneros que apresentou. Outra cousa que tambem nos chamou a atenção foi a irrequietabilidade do Maestro, andando a cada fim de execução, de um lado para outro. Isso é um tanto exquisito...

HEINZ JOLLES NA FILARMÔNICA

Heinz Jolles tocou para a Sociedade Filarmônica a 26 de novembro, no Teatro Municipal.

Foi um concerto diferente sob o ponto de vista artístico, porque o pianista Heinz Jolles, executou os concertos para piano e orquestra de João Sebastião Bach, como solista e regente. Mas o fim almejado foi integralmente satisfeito. Dentro do próprio estilo da época bachiana, Heinz Jolles procurou interpretar os Concertos para o que orientou a orquestra com muito conhecimento de causa, produzindo um todo musical muito homogêneo e equilibrado. Não procurou fazer uma demonsração de sua técnica pianística e sim da sua extensa e profunda musicalidade. É um artista grandioso pela seriedade de sua interpretação, pela seriedade de sua execução, pela seriedade de sua cultura. Heinz Jolles foi aplaudido concientemente pelo numeroso público que acorreu ao Municipal para ouví-lo, e a Sociedade Filarmônica realizou mais um bem para o nosso meio artístico.

ASSOCIAÇÃO LIRICO MUSICAL BRASILEIRA

Essa importante sociedade realizou a 4 do corrente no salão nobre da Sociedade Sul Riograndense, um festival dedicado aos seus numerosos associados.

Participaram do mesmo os cantores Livio Croce, Isabel Bertazzoni, Antônio Mazza, Alexandra Roder, Leonel Cavinato, Felippo Brecco, Marilda Viana e Alberto Justizieri. Atuaram com muita segurança tendo agradado sobremaneira o festival de arte vocal que a Associação Lirico Musical Brasileira, dirigida pelo sr. José Leite de Sales, promoveu congraçando nessa audição ótimos elementos da arte lirica entre nós.

SOUZA LIMA E ZLATOPOLSKI

O Departamento Municipal de Cultura comemorou a 6 do corrente, o 150.º aniversário da morte de Mozart, promovendo um concerto de camara, todo dedicado ao imortal compositor. Foram encarregados de sua realização os ilustres artistas pianistas Souza Lima e o violinista Anselmo Zlatopolski, que interpretaram as Sonatas em ré maior, mi bemol maior e si bemol maior.

Como era de prever pela importancia do concerto, ao Municipal afluiu um grande público que acompanhou com vivo interesse o desenvolvimento do programa. Esse interesse foi integralmente correspondido porquanto ambos artistas deram de si o máximo de sua musicalidade. Souza Lima inteirando-se da sua parte com notavel excelência enquanto Zlatopolski, também, com muita segurança deu destaque às obras mozartianas. Ambos conjugaram com absoluto senso artistico, e homogeneidade suas ótimas qualidades interpretativas.

O MONUMENTO AO DUQUE DE CAXIAS

Com relação ao concurso internacional de "maquettes", o conhecido crítico de arte Luiz Martins, que mais tarde devia integrar a Comissão Julgadora do certame, escreveu no "Estado de S. Paulo":

"Não é sem uma certa melancolia que o visitante sai da exposição das "maquettes" destinadas ao monumento a Caxias. Melancolia de se verificar como a grande maioria de nossos escultores ainda conserva uma noção deploravel do que deva ser um monumento público. Com efeito, o que predomina naquele conjunto de gesso que dá uma impressão de cemitério elegante em dia de Finados, é de um mau gosto tão gritante, tão irritante, tão desconcertante, que nos leva à convicção de que, em escultura, estamos atrazados cincoenta anos. Impressão que uns dois ou três trabalhos realmente bons que lá se acham não conseguem desfazer totalmente, porque se perdem naquele turbilhão desesperado de figuras retorcidas, de cavalos alucinados, de enfeites empetecados, de contorsões histéricas, apoteoses de fim de revista teatral, pandemônio de fúrias grotescas e desvairadas."

O julgamento sereno e inatacavel da Comissão sancionou o triunfo do escultor Victor Brecheret que, de fato, tinha apresentado uma "maquette" à altura da importância da obra a ser erigida. E aquí caberiam algumas rápidas considerações sobre o verdadeiro sentido da palavra "arte".

Porque o monumento a ser erigido no Largo Paisandú é ARTE, muito mais ARTE de que muitos projetos cheios de figuras e de símbolos emoldurados numa arquitetura complicada? Porque o verdadeiro sentido da arte sempre se aliou a um harmonioso princípio de síntese expressiva. A arte verdadeiramente imortal nunca refletiu os gostos transitórios da época em que foi criada. Os gostos peculiares a cada época passam, arrastando tudo que a eles direta ou indiretamente está ligado, mas a arte, quando expressão sincera de uma sensibilidade amadurecida num conceito universal, esta arte fica, alheia à evolução dos tempos.

O monumento de Brecheret é "arte", enquanto, mantendo-se aderente à sensibilidade mais evoluida de hoje, liga-se idealmente a grandes obras da Renascença.

Um elemento da "maquette" de Brecheret, a faixa de alto-relevo em granito na parte inferior do monumento, foi alvo

de algumas discussões. Trata-se, em verdade, de uma inovação de rara audácia, pois os cavalos e as figuras não tem pontos de apoio, estando intimamente ligadas apenas com o bloco do pedestal. Alguem falou em carrocel, mas foi apenas uma modesta pilheria. Brecheret venceu porque a sua "maquette" é indubitavelmente a realização mais completa de um monumento digno de eternizar a grande figura do Duque de Caxias.

EXPOSIÇÃO DE DESENHOS DE 'ESCOLARES DA GRÃ BRETANHA

Sob os auspícios do Departamento Municipal de Cultura, realizou-se na Galeria Prestes Maia uma interessante exposição de desenhos infantis, organizada pelo British Council.

Não se trata de uma novidade absoluta para São Paulo, pois Amadeu Amaral Junior já tinha realizado uma exposição semelhante, como parte da Segunda Semana de Arte Moderna.

Uma criança é um mundo. O nosso mundo perdido... a criança vê e sente com a sensibilidade característica da alma humana, virgem e sincera. Porém, sendo um ente imitativo, assimila com enorme facilidade, sem grande discernimento.

A lógica impede de crer que a maioria das crianças inglesas tenha observado reproduções coloridas de alguns expoentes da pintura moderna internacional, procurando reproduzí-las. No entanto a exposição obrigava-nos a pensar constantemente nestes grandes pintores que podiam até ser identificados em algumas deformações típicas e em características combinações de cores. Positivamente os tais grande pintores modernos, depois de homens, resolveram valorizar uma emotividade tipicamente infantil, procurando fazer "algo de nuevo"...

A EXPOSIÇÃO DE PEDRO ANTONIO

Na sala do prédio Itá realizou-se, há tempo, uma exposição do pintor português Antonio Pedro. Agora temos, nesta mesma sala, Pedro Antonio, espanhol.

A diferença entre os dois artistas não se limita à curiosa transposição dos respectivos nomes, mas é substancial no campo da sensibilidade e da técnica, colocando-os aos extremos: de um lado Antonio e do outro Pedro. No meio o tal abismo que separa a chamada "vanguarda" do chamado "academismo".

Porém, como "la verità stá in fondo al pozzo", transformaremos o tragicómico abismo num doméstico poço, afirmando que a verdade está justamente entre os dois extremos. O português Antonio Pedro não encontrou grande éco no nosso público, por que sua pintura abstrata podia interessar apenas uma "elite" muito restrita, enquanto Pedro Antonio mostra-se por demais ligado à aplicação de velhas fórmulas técnicas.

Pedro Antonio apresentou-se em São Paulo pela primeira vez em 1938, no Salão das Arcadas. Podemos nos enganar, é claro, mas temos a impressão que sua técnica não evoluiu desde aquele ano, porque as telas melhores da atual exposição são trabalhos que já foram apresentados na exposição precedente. É de justiça reconhecer que sobram a Pedro Antonio qualidades, porém desejariamos vê-lo mais livre na execução de suas telas, procurando ser mais aderente à nossa irrequieta sensibilidade de hoje.

O Fabulista da Téla

Reportagem de **Genésio PEREIRA FILHO**

II

Seu melhor trabalho: "Branca de Neve e os sete Anões" — "Fantasia": obra revolucionária — Próximos desenhos — Walt Disney trabalha por arte — Apreciação de "Fantasia".

Depois de ouvir os "Petits Chanteurs à la Crois de Bois", sob a direção do abade Maillet, em dois números, Walt Disney continua à disposição dos jornalistas. E há uma chuva de novas perguntas. Para êle, "Branca de Neve e os sete Anões" continua como seu melhor trabalho, mas "Fantasia" é obra revolucionária.

Em andamento tem: "Bambi" história de um veado; "Dumbo", um elefante travêsso; e "Reluctant Dragon" (1). — "Bambi", embora uma comédia, é trabalho delicado.

E a uma pergunta, responde o creador de Pluto:

— Trabalho por arte, pela arte pura; e essa Arte considero estupenda.

"FANTASIA"

Após a entrevista com Walt Disney, desejo deixar aquí minha apreciação sobre "Fantasia".

Tenho a dizer, inicialmente, que as palavras seguintes são de um simples espectador e não de um crítico cinematográfico ou de um técnico de cinema. O que se segue são impressões pessoais, buscando transmitir o que sentí e pensei ao assistir à película de longa metragem de Walt Disney.

Uma grande celeuma provocou "Fantasia". Umas pessôas tomaram a defesa de Disney, outras atacaram-no. Não estou com umas nem com outras. Estou comigo mesmo, isto é, tenho minhas impressões próprias.

Eu direi com o conhecido crítico Olin Downes que "Fantasia" é um "Disney Experiment".

De fato, é uma tentativa. E assim sendo, merece mais elogios do que reparos, embora estes possam ser feitos em grande quantidade. Mais elogios do que reparos porque, embora não sendo uma coisa estupenda, é um grande trabalho do famoso desenhista. Aliás, não diz outra coisa Stokowsky, escrevendo para o "New York Times" em defesa do seu amigo e companheiro de película (diga-se por necessidade que Stokowsky possue grande parte do mérito de "Fantasia"): "Quando o filme ficou concluido, brindamos não por alguma coisa terminada, mas sim por alguma coisa em começo." "Fantasia" é o marco inicial de um grande caminho a ser palmilhado. Um marco inicial que não sendo obra-prima, assinalará entretanto alguma coisa de apreciavel. E ficará na história do cinema como original e como iniciador de um campo de imensuraveis possibilidades.

---

(1) Em exibição em nosso país sob o nome de "Dragão Dengoso".

Não quero desmerecer o trabalho de Walt Disney, como tambem não desejo fazer-lhe apologia.. Colocá-lo nas justas medidas, "in the right place", será meu fito.

O nome do filme vem a calhar. E é o melhor qualificativo que se lhe pode dar. Porque "Fantasia" é algo indefinivel. Nem bem desenho animado. Nem cinema puro. É uma série de "quadros" independentes, sem a menor ligação. É uma reunião de pequenas películas, formando um todo diverso em suas partes.

A primeira parte, isto é, a de desenhos geométricos e representações várias, que pode ser chamada a de abstração, é a melhor. Walt Disney parece ter colocado aí todo o seu talento, produzindo alguma coisa de realmente apreciavel. Tem-se a impressão, nessa parte, de que nosso pensamento é algo plástico, pois as representações da tela nada mais semelham ser do que nosso próprio pensar representado plasticamente.

E aí revela-se Walt Disney um grande lírico. Aliás, o lirismo é um característico de toda a obra de Disney. Ele se mostra sensivel e delicado ao interpretar trechos românticos e leves. As figuras de fadas do orvalho, acendendo as luzinhas miríades das plantas, são delicadíssimas e felizes. A companheira do cavalo alado — "Pastoral" de Beethoven — é de uma delicadeza sem par. Aliás toda a parte referente ao casal alado e seus filhinhos é de uma grande delicadeza de sentimentos, elevando a alma do espectador para um mundo de paz e de abandono.

Na terceira dansa da "Suite", a queda das flores sobre a agua do rio, admira; e a creação das forças do mal lembra um certo satanismo.

A visualização de "Sagração da Primavera", de Strawinsk, é interessante e apresenta momentos grandiosos, como uma luta entre monstros. A côr por necessidade ou não chega a ser irritante.

A parte da "Pastoral" de Beethoven, referente a Baco, não é feliz. Há uma falsa interpretação do espírito dessa peça. E se Beethoven ressucitasse, creio que ele passaria uma descompostura em Mr. Disney...

A "Dansa das Horas" de Ponchieli ("Gioconda"), teve uma interpretação brutal. Condeno essa visualização, pois a delicadeza da peça sugere outras imagens. Guilherme de Almeida, certa vez, disse-me que seria um paradoxo procurado. Mas que, mesmo assim, o condena. E eu estou com o poeta de "Nós".

A luta entre o bem e o mal tem seus momentos felizes e interessantes. Mas em outros é uma "palhaçada tétrica", como disse Sérgio Milliet.

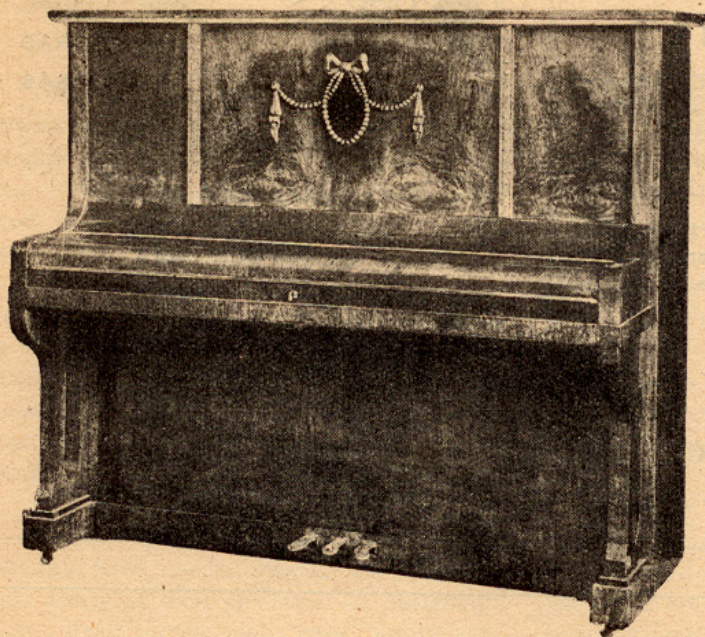
A "Ave Maria" de Schubert é um bonito quadro. Mas, pela sua invariabilidade, é monôtono, parado, enjoativo.

Afora a parte do abstracionismo, merece elogio o "Apprenti Sorcier", pelo seu vigôr, pela força intencional.

E a curta parte da materialização do som é interessantíssima, sugestiva e impressiona. É, talvez, o ápice do filme.

Além dessas todas virtudes, apresenta outra: diverte, faz a gente rir gostosamente.

Uma decepção causa Walt Disney: — nota-se sua ineficácia no tratamento com os tipos humanos. Mário de Andrade bem reparou nisso, quando escreveu — "Fantasia", 11, "Diário de São Paulo", 17-9-41: "Mas figuras importantes na "Pastoral" são tambem centauros, e neles se escancara a incapacidade de Walt Disney na representação da figura humana. É estranho que um artista, que sabe mover um olho de avestruz ou de um peixe com tanta vida interior, não consiga fazer vibrar com sensibilidade um olhar de moça! Toda a intensa humanidade de Walt Disney vai para os seus bichos, e estes guardam por isso um formidavel poder crítico. Poderiam argumentar que a irracionalidade insensivel da humanidade de Walt Disney ainda é um valor crítico. Se-

ria, e formava um contraste genialmente trágico, se essa irracionalidade se apresentasse como irracionabilidade. Em vez, ela se apresenta diluida num estereotipado e num sentimental, sem a menor força de expressão e de sentido."

Walt Disney humanisa tudo, é um antropomorfista. A natureza toma alma, tudo nela sente e vive como os homens, até os cogumelos da dansa chineza... De fato. Ele humaniza tudo e deshumaniza o homem... Este, em suas mãos, brutaliza-se, irracionaliza-se. Há poesia no todo. Menos no homem.

Walt Disney é um fabulista da tela. Creou uma néo-fábula, porque em vez de ser constituida de pequenas narrações morais, ela se passa na tela de um cinema. E a fábula de Walt Disney é um mundo de sonho. O espetador mergulha num mundo onírico, num cosmos de magia.

A visualização da música tem sido combatida, alegando-se a impossibilidade de uma feliz sinestesia. Eu, entretanto, creio na visualisação musical. "Fantasia" tentou-a. Não a conseguiu total e perfeita, é claro. Mas como primeira tentativa é interessante e apreciavel. Às vezes, nessa película, há peças em que ouvidos e olhos se harmonizam, trazendo suspenso o espírito do espectador ou fazendo-o repousar em um mundo de calma.

E é tão possivel a união das artes que, após se ter assistido "Fantasia", não há quem, ao ouvir uma música de que goste ou que seja sugestiva, deixe de construir na mente um mundo como que plástico, isto é, imagina-se uma "história" ou um abstracionismo para o que é ouvido...

E são vulcões que estouram — em nossa mente — ou são folhas de outono que o vento arrasta por caminhos longos!

Amores... Amores...

Sabe-se que Tereza Brunswick amou Beethoven até a morte e, ele, dez anos depois do noivado desfeito, ainda escrevia: "Pensando nela, meu coração pulsa com a mesma violência que pulsou quando a vi pela primeira vez".

Buscando um lenitivo, para as suas dores intimas, Beethoven voltou-se para a natureza. E escreveu mais tarde: "Ninguem no mundo, mais do que eu, terá amado a vida do campo... Comovo-me mais facilmente diante de uma arvore, do que diante de um homem.

***

Quando em 1838, Chopin se uniu a George Sand, havia apenas um ano vira ele desfeitos seus projetos de casamento com Maria Wodzinska, cuja familia alegava em contrario o mau estado de saude do musico, pretesto que talvez encobrisse o motivo real, um preconceito de casta. Tinha então vinte anos Maria Wodzinska. Era de alto nascimento, possuia nome dos mais preclaros em nobreza, belos olhos negros, negros os cabelos. Quem quizer que a veja: seu retrato, Chopin o confessou, está no segundo "Estudo em fá menor".

***

Em carta escrita à sua mãe, dizia Roberto Schumann, falando da noiva, Ernestina von Fricken: "Ernestina é filha do rico barão boemio von Fricken e da condessa Zetwitz. Tem um coração generoso e infantil. Terna e sonhadora ama todos os artistas. Possue um temperamento extraordinariamente musical e realiza, em suma, os meus sonhos, porque eu desejava uma mulher assim".

***

Em 1835, principia Liszt a escrever, sob o impulso da sua paixão por Marie d'Agoult com quem viveu na Suissa, as suas primeiras composições importantes: 1.º ano das "**années de Pélerinage**"; um pouco mais tarde, em 1838 enquanto prepara o 2.º ano das "**années**", viajando pela Italia sempre com Marie d'Agoult, escreve: "Não peço nada mais, oh! meu Deus! deste-me tudo que se oferece sem ser apetecido, tudo!" Passado alguns anos, esse amor findou...

***

O amor de Beethoven por Tereza Brunswick, teve um desfecho inesplicavel. Foi noiva de Beethoven, em 1806, época em que o artista contava trinta e seis anos, é ela mesma quem narra o episódio desse noivado. Foi pedida em Martonvasar, na Hungria, onde residia com seu irmão, o conde Francisco. Escreve Tereza: "Um domingo, à noite, com um luar magnifico, Beethoven assentou-se ao piano. Lentamente, com uma solenidade impressionante, executou um canto de Sebastião Bach: "**Si tu veux me donner ton coeur que ce soit d'abord en secret; et notre pensée commune, que nul ne la puisse deviner**". Minha mãe e o vigario haviam adormecido, e eu, sentindo a magia do seu canto e advinhando a expressão amorosa dos seus olhos, experimentei uma sensação indefinivel..."

***

Jorge Sand, que no romance de Lucrecia Floriani se diz ter posto Chopin na personagem do nevrotico principe Carlos, assim lhe idealizou os traços, figurando-o na adolescencia: "Dir-se-ia qualquer coisa como as criaturas ideais que a

poesia da idade média poz por ornamento nos templos cristãos; um anjo de belo rosto, como uma grande mulher triste, puro e esbelto na forma como um jovem deus do Olimpo, e para coroar esse conjunto, uma expressão ao mesmo tempo terna e severa, casta e apaixonada".

***

Maria Wodzinska apagou a lembrança do amado Chopin, casando em 1841. Mas ao menos conservou a predileção pelo nome, e a Frederico Chopin preferiu certo Frederico Shorbeck, que era conde e dinheiroso. Depois anulou o matrimonio para tomar novas nupcias.

***

O primeiro amor de Chopin, foi Constança Gladkswskaia, aluna de canto no Conservatorio de Varsovia, a qual lhe inspirara na adolescencia fanático amor, como pode ser nessa idade. Era formosa, de olhos cerulos. Ao deixar Varsovia em 1830, recomendava Chopin a um amigo lhe dissesse que, "morto, aos pés dela se espalhariam suas cinzas..." E não bastava: "Isso ainda é pouco, diz-lhe muito mais..." Pobre Chopin. A menina desposou-se daí a dois anos. Pobre Constança, cujo destino enoitou depois para sempre na cegueira os seus lindos olhos azues. Alegrias do primeiro amor, puras e divinas alegrias.

Música silenciosa

"Música silenciosa". Parece, à primeira vista, uma afirmação paradoxal. Não o é, entanto, sempre que, por música entendamos uma concordância harmônica, capaz, em qualquer manifestação de estética, de despertar uma emoção.

Música é harmonia. Há música numa téla, numa estátua, num verso, num simples gesto. O olhar que acaso encontra o nosso olhar e passa e foge para nunca mais o tornarmos a encontrar, mas deixa em nossa alma a inquietação de alguma coisa que se adivinhou vagamente, que o nosso instinto devinatário intuiu, o que é senão a música?

O gesto que nos acena de longe, numa partida ou num regresso, jubiloso ou triste, acaso não é música tambem?

A música vive em toda a beleza, num poente lírico ou bucólico, como num céu trágico de tempestade. A própria vida cósmica que é, senão a mais grandiosa das sinfonias?

No gesto humano a música é tudo: é o canto, o hino, a súplica, a imprecação. Ela sublinha a intenção, marca o sentido oculto, acentúa o substrato simbólico, que toda obra de arte tomada tambem, a palavra, no sentido de gesto — contém em si.

Assim, pode-se perfeitamente definir o gesto: música silenciosa.

Ora é preciso cultivar essa **música** que todos os povos de alta civilização tiveram em sumo apreço.

Declamar é representar, recitar um poema é vivê-lo, sentí-lo, sofrê-lo em seus mínimos detalhes, através do nosso temperamento, com a nossa alma, nossos nervos, o nosso coração.

Ora, as regras dêsta sublime arte, só podem ser imutaveis em um ponto: a naturalidade.

O resto, os detalhes, que em seu conjunto dão a beleza estética, é o carater da própria obra que estabelece.

Todo o declamador deve ser, assim, um artista dramático. Num verso há muitas vezes todo um drama, a dormir sob o pesado letargo da letra. O declamador desperta-o, vive-o, emprestando-lhe o calor do seu entusiasmo, acendendo-o à chama da sua inspiração. E aquele pobre verso, pálido e frio da dôr ou da paixão que o inspiraram, cresce, toma significação diversa, transcendental, vibra, canta, soluça, ergue um auditório em peso, conseguindo esse esplêndido milagre que é a comunhão de mil almas na mesma emoção.

A arte de declamar entendida assim, é um laço amavel de fraternidade entre as creaturas humanas cujo fundo psíquico é sempre o mesmo. É elevação, ainda, é graça, é bondade, é beleza!

X.

QUADRAS

Quando te ouço, choroso,
tocando o teu violão,
eu não sei que é que chóra:
se é ele ou teu coração.

Se a tua alma como o piano
tivesse maquinarias,
de suas teclas eu tiraria
as mais puras melodias.

A. V. S.

VARIAS...

GUIOMAR NOVAIS PINTO — Visitou Campinas, a 10 do corrente, onde realizou um recital sob os auspicios da Instrução Artistica do Brasil, daquela cidade, essa famosa pianista brasileira.

SALÃO FLUMINENSE D EBELAS ARTES — Encerrou-se a 30 de Novembro p. p., o Salão Fluminense de Belas Artes, importante certame ao qual compareceu grande numero de artistas plasticos. O Governo do Estado do Rio de Janeiro, tendo considerado o valor dessa mostra de arte e ao mesmo tempo o interesse que o mesmo despertou no artístico e intelectual do país, resolveu oficializá-lo.

AUDIÇÃO DE ALUNOS — Alunos da profra. Maria dos Anjos de Oliveira Rocha, Maria Cecília, Claudio e Maria Clara G. Petraglia, realizaram uma audição de piano no Auditorium da Escola Caetano de Campos, no dia 1.º do corrente.

MARIA EVA KOVACH, em Campinas — A ilustre violinista húngara realizou a 27 de Novembro p. p., um recital sob o patrocinio da I. A. B., de Campinas, acompanhada ao piano por Madeleine Bernhein.

HORA DE ARTE — O compositor Osvaldo Stamato fez realizar em sua residencia, a 20 de novembro p. p., uma reunião de arte, com a participação dos alunos da profra. Irma Da Rimini Buthler. Além do sr. O. Stamato que se fez ouvir ao piano, participaram os srs. tenor Salvador Davino, soprano Eloá Brasil e o baixo Edgard Grezzi.

HOMENAGEM A SANTA CECILIA — Realizou-se a 22 de Novembro, passado, em Campinas, uma audição dos alunos de piano da profra. Maria Meireles de Melo, do Conservatório "Carlos Gomes", em homenagem a Padroeira dos Musicos.

FESTA DE FORMATURA — Diplomaram-se a 13 do corrente, as novas professoras formadas pelo Instituto Musical e pela Escola Normal Santa Marcelina, desta Capital. Concluiram o curso musical, as srtas. Edith Bogus, Rina Fornasaro e Vanda Antonieta Gadda.

GENARO PAPI — Faleceu subitamente no dia 29 de Novembro p., em New York, o grande regente da Opera Metropolitana de Nova York, maestro Genaro Papi. Contava 54 anos de idade, iniciou sua carreira em Napoles, em 1905. Foi regente do coro do Teatro Imperial de Varsovia, de onde veiu para os Estados Unidos, em 1913. Até 1916 foi assistente de A. Toscanini, na Opera Metropolitana de Nova York, no qual ele vinha regendo o repertorio italiano desde 1935.

RECEBEMOS — Music Educators National Conference, vol. 1939-1940, Chicago; **Nova Lourdes Brasileira,** Niteroi; **School Music Competition-Festivals,** publicação da National School Band Association, National School Orchestra Association e National School Vocal Association; **Orientación Musical** — orgão do Ateneo Musical Mexicano, n.º 4 Outubro 1941, vol. 1; **Boletins da B. B. C.,** de Londres; **National School Music Competition-Festivals,** 1940, Estados Unidos; **Revista Brasileira de Musica,** Rio de Janeiro.

Orientación Musical — México — n.º 5, vol. I, Novembro de 1941. — **Music Educators Journal** — Music Educators National Conference — Nov./Dez. de 1941. — Chicago. E.U.A. — **Noticiario Ricordi** — Buenos Aires. — **Ciências e Letras** — ano V, 1941 — Tomos VIII e IX, São Paulo.

SUICIDIO DE UMA CANTORA — A famosa cantora japonesa Teshinhi Rosekiya morreu no dia 29 de Novembro. Acredita-se que a mesma tenha se suicidado em consequência de questões de familia.

MARIA ELISABETH WREDE — Promovido pela ilustre pintora Maria E. Wrede, realizou-se no recinto de sua exposição, a 26 de Novembro p., uma fina hora de arte, na qual tomaram parte elementos de escol no meio artistico paulistano.

INSTRUÇÃO ARTISTICA DO BRASIL, DE CAMPINAS — Dirige a I. A. B. de Campinas, a seguinte Diretoria: — Guilhermina de Freitas Lobo, Silvia Siqueira Stevenson e Maria José Bicudo, fazendo parte do Conselho Consultivo, Artistico e de Publicidade os srs. Azael Lobo, Cleso de Castro Mendes, João Mascarenhas Neves, Silvino Godoi, José Dias Leme e Braulio Mendes Nogueira.

SOCIEDADE RIO-PRETENSE DE CULTURA MUSICAL — Por iniciativa dos srs. Olimpio Rodrigues, profs. Artur Ranzini e Florindo Mani, fundou-se com a denominação acima uma sociedade musical cujo objetivo principal é a organização de uma orquestra sinfonica que contará desde logo com 50 musicos.

MADALENA TAGLIAFERRO, em Piracicaba — Essa notavel pianista realizou a 5 do corrente um concerto para a Sociedade de Cultura Artistica de Piracicaba.

CONSEVATORIO MUSICAL DE SANTOS — O Conservatório Musical de Santos, dirigido pela eminente pianista Antonietta Rudge e maestro I. Tabarin, diplomou a 10 do corrente mais uma turma de alunos. O áto revestiu-se da maior solenidade. O paraninfo desta turma foi o sr. dr. Fernando Costa, ilustre Interventor Federal.

À MEMORIA DE MOZART — Em Viena: — As festividades em honra de Mozart, realizadas a 6 do corrente, passagem do 150.º aniversario de sua morte, culminaram com a cerimônia que teve lugar na capela contigua ao castelo de Saint Etienne,

Em Roma: — A 3 do corrente foi executada a Missa de Requiem, obra postuma do grande compositor Mozart, na basilica de Santa Maria dos Anjos, sob a direção do maestro Vitor De Sabata. Maria Caniglia, Ebe Stignani, Beniamino Gigli e Tancredi Pasero, acompanhados por 300 executantes, foram os interpretes desta celebre obra, executada em homenagem à memoria do grande Mozart.

INSTITUTO PROFISSIONAL PAULISTA PARA CÉGOS

A 29 de Outubro p.p., esse importante estabelecimento de ensino, realizou em sua séde à Rua da Moóca, 2931, uma agradavel hora de arte, em que participaram as educandas Delmira Rodrigues Nascimento, Ivone Castro Silva, Lídia Valentim, Luzia e Maria Luiza Cintra, Arlinda Moreira dos Santos, Maria Medeiros, Sofia Cordeiro, profra. Benedita Melo, D. Evelina Harper, D. Helena N. Figueiredo, M.D. Presidente dessa Instituição, e o Sr. Alexandre dos Santos.

FRITZ KREISLER

Completamente restabelecido esse grande violinista, voltará dentro em pouco à sua atividade artística.

PROF. EMIRTO DE LIMA

Acaba de ser condecorado com a Ordem Nacional "Honeur et Mérit", da República de Haití, o nosso ilustre e brilhante colaborador Prof. Emirto de Lima, residente na Colombia.

MANUEL M. PONCE

Esse notavel compositor mexicano regerá suas próprias composições na Argentina, Chile e Colombia. Dentre suas obras, apresentará em 1.ª audição, o Concerto para Guitarra e orquestra, tendo como solista Andrés Segovia.

NOTICIAS DO PERÚ:

Julho: Concerto da Orquestra Sinfônica Nacional; regente: Theo Buchwald, em homenagem ao Sr. Presidente da República; Setembro: concerto da famosa pianista Vitoria Vargas; concerto do Quinteto de Vento, composto pelos compositores americanos: David Vactor, Alvim Etler, Robert Mac Bride, John R. Barros e Adolph Weiss; Outubro: da Orquestra Sinfônica Nacional, regente: Luiz Pacheco de Céspedes; do tenor Edmundo Pizarro, ao piano Graciela Morales Ayarza; Novembro: Petits Chanteurs à la Crois de Boix; Orquestra Sinfônica Nacional, regente: Theo Buchwald e Mercedes Padrosa, solista pianista; audições de alunos da Academia de Música Sas Rosay e profra. Mariana Vantosse de Pastor.

NOTICIAS DO MÉXICO:

Outubro: Curso de Estilografia Musical, prof. Jesús Bal y Gay; conferência sobre Taquigrafia Musical, prof. Adolfo Maganha, autor desta teoria; concertos culturais da Academia J. S. Bach; concerto da cantora Clelia Teresa Pin, ao piano Leslie Hodge; do pianista mexicano Miguel Garcia Morado; violinista russo Jacob Kostakowsky, ao piano Tamara Heligmann de Hepstein; o pianista Alexandre Brailowsky (uma serie); do Ateneu Musical Mexicano, em memória do maestro mexicano Gustavo E. Campa; da Orquestra Sinfônica Nacional, regente: José Rocabruna.

MENINO PRODIGIO

André Mathiew, esse é o nome de um menino de onze anos ,a maior sensação dos Domínios do Canadá, que tocou há pouco, seu próprio concerto para piano e orquestra sob a regência do grande maestro T. Beechan.

A. CANTU'

EMILIA NO PAIZ DA MUSICA

6 PEÇAS INFANTIS PARA PIANO

EDIÇÃO

I. M. L.

SÃO PAULO

Of. Gráf. "Legionario" — Rua Imaculada Conceição, 59 — Tel. 5-1536 — S. Paulo